



ST4 - EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VALORAÇÃO DOS IMPACTOS DA CELEBRAÇÃO DO BATUQUE EM PORTO ALEGRE: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

VALUING IMPACTS OF THE BATUQUE FEST IN PORTO ALEGRE: AN EXPLORATORY STUDY

Markus Erwin BROSE¹, Claudio Soares dos SANTOS²

Resumo: Esse trabalho apresenta resultados da primeira etapa de pesquisa em curso acerca da valoração de manifestações culturais como elementos dinâmicos do desenvolvimento no Rio Grande do Sul. Analisa como estudo de caso a contribuição do Batuque para uma significativa comunidade de fiéis na Região Metropolitana de Porto Alegre. Trata-se de estudo exploratório, que visa testar a aplicação de conceitos e instrumentos que o Ministério da Cultura e o IBGE introduziram, desde 2015, em escala nacional e que têm sido divulgados através do Observatório da Cultura/UFRGS. Esse instrumental foi originalmente utilizado para valoração de manifestações culturais em países andinos, por pesquisadores coordenados pela organização Convênio Andrés Bello. O trabalho sintetiza a revisão bibliográfica acerca da reflexão de Celso Furtado sobre a economia da cultura, bem como do conceito de disputas no campo da cultura por Pierre Bourdieu. Registra, ainda, os componentes da conceituação da valoração econômica de bens culturais imateriais utilizados em estudo pioneiro na Colômbia. Adicionalmente, apresenta dados qualitativos acerca da celebração do Batuque em Porto Alegre identificados mediante a revisão bibliográfica em curso, bem como ressalta a valoração concreta do resgate das raízes afro-gaúchas do Batuque por seus seguidores, que disseminaram a celebração entre os países da bacia do Prata.

Palavras-chave. Economia da cultura. Conta satélite da cultura. Batuque. Porto Alegre.

Abstract: This paper presents results of the first stage of ongoing research on the valuation of cultural events as elements that give dynamics to the development in Rio Grande do Sul. It analyzes as a case study the contribution of Batuque to its community of believers in the Metropolitan Region of Porto Alegre. This is an exploratory study. It aims to test concepts and instruments that the Ministry of Culture and IBGE introduced, since 2015, on a national scale and through the Observatório da Cultura/UFRGS. It was used to value cultural events in Andean countries, by researchers working within the framework of the think tank Convenio Andrés Bello. The paper summarizes the bibliographic review about Celso Furtado's reflection on the economics of culture, as well as the concept of disputes in the field of culture by Pierre Bourdieu. It also records the components of the conceptualization of the economic valuation of intangible cultural assets used by a pioneering study in Colombia. Additionally, it presents qualitative data about the celebration of Batuque in Porto Alegre identified through the literature review in progress, as

¹ Professor do PPGDR/UNISC; markus@unisc.br

² Doutorando PPGDR/UNISC; claudio@cee.com.br



OBSERVADR





well as emphasizing the concrete valuation of the rescue of the Afro-Gaicho roots of Batuque by its followers, who disseminated the celebration among the countries of the La Plata basin.

Keywords. Culture economics. Culture satellite account. Batuque. Porto Alegre.

INTRODUÇÃO

Entre as múltiplas contribuições do economista Celso Furtado ao debate sobre desenvolvimento, suas reflexões quanto à economia da cultura recebem pouco destaque. Importa ressaltar que, a partir de meados da década de setenta, Furtado passou a abordar a necessidade de incorporação da dimensão cultural na teorização sobre o desenvolvimento (SILVA; BARROS, 2014).

Afirmava, “trata-se, em síntese, de defender a liberdade de criar, certamente a mais vigiada e coartada de todas as formas de liberdade” (FURTADO, 2012, p. 41). A cultura não poderia ser tratada somente enquanto lazer ou diversão, deveria ser tratada como elemento importante dos espaços de trabalho, estudo, habitação, onde o cidadão passa a maior parte do seu tempo, com grande impacto em sua qualidade de vida.

A partir dessa concepção do desenvolvimento como processo multidimensional que abrange a economia, a sociedade, a política e a cultura, Furtado questiona a possibilidade do desenvolvimento apenas por mecanismos de mercado, afirmando que o desenvolvimento envolve “uma estratégia de modificação das estruturas”, ou seja, um projeto nacional de caráter social e cultural, envolvendo tanto o Estado, como a sociedade civil (CAETANO; MISSIO, 2017).

De acordo com Furtado, desenvolvimento deve ser entendido como um processo cultural e histórico que atende a um sistema de dominação social. Assim, torna-se indispensável identificar, tanto a natureza desse sistema de dominação, como das forças de reação. Mas, o que vem a ser cultura brasileira? Pergunta que desperta intenso debate desde o movimento modernista expandir, em 1922, a busca pela brasilidade. Oliven (1993) ressalta que os modernistas rejeitavam particularidades ou regionalismos, pois o acesso ao universal passaria pela cultura nacional. Em 1926, o Manifesto Regionalista lançado em Recife, foi uma primeira reação defendendo a tradição das regiões que compõem a nação.

Avançando nessa análise, importa ainda ressaltar a contribuição do sociólogo Pierre Bourdieu, que interpreta a cultura como campo de disputa entre diferentes agentes. Atores sociais em conflito buscam definir a hegemonia, material, simbólica ou política, que enseja reações. Para Bourdieu, as condições de participação social baseiam-se na herança social. O acúmulo de bens simbólicos e outros estão inscritos nas estruturas do pensamento (mas também no corpo) e são constitutivos do *habitus*, percepções e valores através do qual os indivíduos elaboram suas trajetórias e asseguram a reprodução social. Esta não pode se realizar sem a ação sutil dos agentes e das instituições, preservando as funções sociais pela violência simbólica exercida sobre os indivíduos.

Interpretamos a celebração do Batuque como uma das reações à violência simbólica exercida pela sociedade envolvente sobre os escravos africanos trazidos às charqueadas do eixo produtivo Rio Grande-Pelotas, em meados do Século XIX. Com o fim da escravidão, migrantes em busca



OBSERVADR





de trabalho na Região Metropolitana disseminaram o Batuque entre a classe dos operários na capital. Porto Alegre tornou-se centro difusor dessa religião afro-gaúcha, que se mostrou inovadora pela capacidade de adaptação a novos tempos e novos espaços culturais rompendo, tanto a barreira da etnicidade, como resistindo ao avanço das igrejas neo-pentecostais sobre a classe trabalhadora.

O trabalho está organizado, além desta introdução, em mais quatro itens: em apontamentos metodológicos são apresentados os referenciais teóricos que orientam a revisão bibliográfica da pesquisa ora em curso; no item economia da cultura na América-Latina são apresentados os trabalhos desenvolvidos pelo Convênio Andrés Bello; no item descrições coletadas são apresentadas informações acerca de aspectos econômicos da celebração do Batuque e sua difusão no Cone Sul. Conclui-se com as considerações finais.

REVISÃO DE LITERATURA

Economia da cultura na obra de Furtado

Kornis (2012) delimita quatro momentos dessa reflexão por Furtado. O primeiro inicia com o livro *Criatividade e dependência na civilização industrial*, em 1978, no qual o autor discute a identidade e a cultura brasileira, definindo desenvolvimento como um processo oriundo de valores, estilos de vida e comportamentos específicos. Registra Kornis (2012, p. 170) o argumento, “se o objetivo fundamental da política de desenvolvimento é melhorar a vida dos homens e das mulheres, seu ponto de partida terá de ser a percepção dos fins, dos objetivos que se propõem alcançar os indivíduos e as coletividades”.

Na sequência, no livro *Cultura e desenvolvimento em época de crise* (1984), Furtado aponta a internacionalização dos capitais estadunidenses e europeus como núcleo de propagação e reprodução da dependência. Salienta o crescente domínio da indústria transnacional da cultura como o instrumento de modernização conservadora. Caberia aos países dependentes lutar pela afirmação de valores culturais próprios, ligados ao sistema de cultura local, diferenciando a nação no cenário mundial de globalização. Para, Borja (2019) daí a importância da política cultural vinculada à política de desenvolvimento.

O segundo momento da reflexão por Furtado, entre 1986 e 1988, quando ministro da cultura e enfatizou que o desafio não residia apenas preservar o passado, mas transformá-lo em fonte de criatividade no presente e no futuro. Criou, tanto o fundo, quanto o Instituto de Promoção Cultural, além de encomendar a primeira pesquisa sobre a economia da cultura no Brasil, produzida pela Fundação João Pinheiro, em 1988.

Patrimônio e memória são concebidos não apenas como acervo da herança cultural, mas como um todo orgânico cuja significação cresce à medida que se integra no viver cotidiano da população. Assim, procura-se articular o trabalho de preservação com o estímulo à inovação, dentro da concepção de que o ato criativo é tanto ruptura como processo que se alimenta da herança cultural, a qual é captada no seu recorte histórico regional, em suas relações com o ecossistema e levando na devida conta a estrutura social em que emerge. Como ato de ruptura, a criatividade alimenta-se com frequência da ação de grupos contestadores que, em uma sociedade aberta, devem encontrar espaço para atuar. Demais, como a herança cultural e a criatividade se inserem na pluralidade étnica



OBSERVADR





do país, o avanço na conscientização das populações negras e indígenas é visto como ampliação do nosso horizonte cultural. (FURTADO, 2012a, p. 103-104).

O terceiro momento, entre 1992 e 1995, quando Furtado integrou a recém-criada Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento, pela UNESCO, que reuniu outros intelectuais, p.ex. Claude Levi-Strauss. Deste trabalho resultou o relatório *Nossa diversidade criadora*, publicado em 1996, que afirma “o desenvolvimento divorciado do seu contexto humano e cultural não é mais do que um crescimento sem alma” (MIGUEZ, 2014, p. 376). O quarto e último momento inicia em 1997, quando Furtado ingressa na Academia Brasileira de Letras, onde passa a proferir um conjunto de conferências.

Furtado era avesso às análises estritamente econômicas que ignoram as relações sociais, a dimensão cultural, a identidade das nações e restringem a análise às relações de produção e troca. Os conceitos de cultura e criatividade não se limitam ao significado artístico, mas possuem interpretações amplas, relacionadas a valores e padrões da nação. Segundo Koris (2012, p. 168), “a preocupação em articular as políticas econômicas (cuja tônica é a acumulação), social (cujo foco é a inserção) e cultural (a criatividade e a conseqüente transformação), estabelece elos entre os meios e os fins do desenvolvimento”.

Para Furtado, seria no âmbito do patrimônio imaterial que as inovações abrem caminhos para realização das potencialidades latentes na sociedade. Em outras palavras, as inovações na cultura não-material, ao ampliar o universo de ideias e valores, desenvolvem impulsos criativos capazes de ajudar o ser humano em sua auto-identificação.

Uma reflexão sobre a nossa própria identidade terá de ser o ponto de partida do processo de reconstrução que temos pela frente, se desejamos que o desenvolvimento futuro se alimente da criatividade do nosso povo e contribua para a satisfação dos anseios mais legítimos desse. (FURTADO, 1984, apud KORNIS, 2012, p. 167).

A consolidação da consciência crítica e de focos de resistência ao processo de descaracterização constituem, segundo Furtado, caminho possível para uma nova síntese capaz de expressar a personalidade cultural brasileira, preservando os espaços de criatividade que sobrevivem na classe popular. Mas, assim como o debate de que “preço não é valor”, também não é monolítica ou homogênea a definição do que vem a ser a cultura nacional.

O campo cultural como conflito

Bourdieu entende que a dinâmica social se dá no interior de um “campo”, um segmento do social cujos agentes, indivíduos e grupos, têm disposições específicas, a que ele denomina *habitus*. O campo é delimitado pelos valores ou formas de capital que lhe dão sustentação. A dinâmica social no interior de cada campo é regida pelas lutas em que os agentes procuram manter ou alterar as relações de força e a distribuição das formas de capital específico.

Todo campo vive o conflito entre os agentes que o dominam e os demais, isto é, entre os agentes que monopolizam o capital específico, pela via da violência simbólica (autoridade) contra os agentes com pretensão à dominação. A dominação é, em geral, não-evidente, não-explicita, mas sutil e violenta. Uma violência simbólica que é julgada legítima dentro de cada campo; que é



OBSERVADR





inerente ao sistema, cujas instituições e práticas revertem, inexoravelmente, os ganhos de todos os tipos de capital para os agentes dominantes. A violência simbólica se exerce com a cumplicidade das suas vítimas.

Através da crítica ao gosto estético, Bourdieu afirma que a arte popular não consegue aceder à legitimidade estética, mas ela serve de “referência negativa” à arte superior ou consagrada. Portanto, “mudar as palavras ou as representações é transformar as coisas” (BOURDIEU; WACQUANT, 1995). A dominação em um campo se exerce sempre mediante violência, seja ela bruta ou simbólica, seja mediante coação física, sobre os corpos, seja através da coação espiritual, sobre as consciências.

Thiry-Cherques (2006) enfatiza que Bourdieu entendia que a prática e a apreciação artística são marcadas pelo pertencimento a uma classe, que as lutas pelo reconhecimento são uma dimensão basilar da vida social. Tais lutas compreendem a acumulação de uma forma particular de capital, a honra — no sentido da reputação, do prestígio — e obedecem a uma lógica específica de acumulação de capital simbólico, como capital fundado no conhecimento e no reconhecimento.

Alinhado com argumentação de Furtado e Bourdieu, o presente trabalho apresenta resultados de pesquisa que analisa o movimento cultural da religião afro-gaúcha do Batuque. Para Tadvall (2016, p. 52) uma “religião de resistência e de afirmação cultural”, originalmente criada por cidadãos afrodescendentes integrantes da classe trabalhadora, que inclui, cada vez mais, seguidores brancos das classes médias.

Economia da cultura na América Latina

Em toda medição está presente um discurso sobre determinado fenômeno social. O coordenador do Observatório da Cultura/UFRGS sintetiza o desafio.

Falar da importância de medir e produzir sentido objetivo dos impactos da cultura é algo consensual na sociedade contemporânea [...] não se trata, pois, do quantitativo pelo quantitativo, mas de todas as nuances que podem ser descobertas ao lançar mão da ciência econômica sobre impactos e processos produtivos [...] para que as sociedades possam melhor se conhecer e tomar suas decisões. (VALIATI, 2018, p. 9).

A pesquisa com abordagem econômica dos bens culturais é recente nos estudos acadêmicos, representando um desafio. Tradicionalmente o estudo na área cultural, “se caracteriza pelo ensaísmo teórico-filosófico, pela revisão bibliográfica, pela paráfrase de ideias gerais e oficiais, pela dificuldade congênita para a pesquisa empírica” (BARBOSA, 2018, p. 151).

Origens da pesquisa pelo Convênio Andrés Bello

O pioneirismo da pesquisa de base empírica e de valoração das manifestações culturais na América Latina cabe ao Convênio Andrés Bello (CAB). Esta uma organização multilateral de estudos, pesquisas e intercâmbio criada e mantida pelos Ministérios de Cultura dos países andinos, desde 1970, com escritório-sede na cidade de Bogotá/Colômbia. Ao longo de sua história foi recebendo adesão de número crescente de países, congregando praticamente todos os Ministérios



OBSERVADR





da Cultura do continente e, no processo de reestruturação, realocou sua sede para a cidade de Panamá.

Um marco importante do debate internacional foi estabelecido em 1986, quando a UNESCO publica o *Marco de Estatísticas Culturais*. Busca estimular a sistematização de informação criando, em 1999, o Instituto de Estatísticas (UIS), onde a ONU armazena estatísticas mundiais nos campos da educação, da ciência e tecnologia, da cultura e da comunicação, contribuindo para inovações, p.ex. na França, onde foram criadas as contas satélite da cultura.

Os pesquisadores reunidos pelo CAB buscaram desenvolver um modelo de valoração adequado aos países andinos, no âmbito do projeto *Economia e cultura* financiado pelo governo de Espanha e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Em 1999, foi publicado primeiro estudo com dados compilados em cinco países, Equador, Chile, Colômbia, Peru e Venezuela. Estimulando o governo da Colômbia e o BID para realização da conferência *O terceiro lado da moeda*, em maio de 2000 (REY, 2018), que disseminou o debate por vários países do continente. Em 2003, foi publicado o primeiro estudo de caráter nacional sobre os impactos econômicos da cultura na Colômbia, seguido de um manual para valoração de festas e celebrações coletivas (MALLARINO et al., 2004).

Em 2008, o CAB publica manual metodológico para introdução das contas satélite no sistema estatístico nacional, iniciadas pelo Chile e Argentina (CAB, 2008). O objetivo consiste em mapear fontes de financiamento públicas e privadas da cultura, bem como os produtores, a diversidade da oferta, mercado de trabalho e especificidades do mercado cultural nacional. A ampla aceitação do instrumental no continente fomentou a revisão e atualização para um guia metodológico (CAB, 2015).

Foi neste período que o Ministério da Cultura do Brasil travou conhecimento com o debate latino-americano e manifestou interesse em adotar a metodologia de contas satélite da cultura. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) iniciou, em 2004, a coleta de dados e a publicação de indicadores culturais. O processo passou por reformulação, entre 2006/07, dada a nova Classificação Nacional de Atividades Econômicas. O Instituto de Economia Aplicada (IPEA) elaborou um índice de desenvolvimento cultural para os municípios (DA SILVA; ARAÚJO, 2010). Após ajustes no marco central das contas nacionais, o Ministério da Cultura, em 2011, criou um grupo executivo para a metodologia das contas satélite. Entre 2013 e 2015, foi realizada uma revisão de modelos existentes de contas satélite com o apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o IBGE retomou a aferição (IBGE, 2019).

Este processo culminou, em 2015, em seminário internacional realizado em Brasília para lançamento do Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC). Fomentando a instalação de Observatórios da Economia da Cultura em universidades federais. Em 2017, o Observatório da Cultura da UFRGS publicou o *Atlas econômico da cultura brasileira* em dois volumes (VALIATI; FIALHO, 2017).

A relevância da dinâmica de festas e celebrações coletivas



OBSERVADR





Em estudo pioneiro para o CAB, Mallarino et al. (2004) registram festas populares tradicionais como construções simbólicas nas quais se manifestam as crenças, os mitos, as concepções de vida e de mundo do imaginário coletivo. As celebrações, os rituais públicos e as festividades estão associadas, tanto a etapas do ciclo de vida individual, como da econômica, das crenças religiosas e da ação política. São transmitidas por tradição oral e sua origem se apaga no tempo.

Em coletânea sobre tradições em Bogotá, Pérez (1998) enfatizara que nas festividades e celebrações coletivas são internalizados elementos antagonistas e contrários: a representação que a sociedade tem sobre si mesma, bem como a possibilidade de curta ruptura dessa representação, dando o caráter subversivo e carnavalesco às festas coletivas. A celebração coletiva detém, assim, duplo propósito, por um lado integra o que é oposto, por outro lado concede voz à subversão.

Cada festa ou celebração pública decorre de um celebrante, pessoa física ou jurídica, que representa a coletividade e coordena as ações, em especial os investimentos, necessários para a organização do evento. Mallarino et al. (2004) ressaltam que em celebrações coletivas estão sempre em jogo interesses grupais, em coesão ou em oposição uns aos outros, que demandam habilidade do celebrante para não colocar em risco o evento pela explosão de conflitos inerentes à festividade.

A celebração coletiva cria um hiato particular no tempo e no espaço, possibilita aos participantes criar temporariamente uma realidade paralela, onde tudo parece possível. O comportamento permitido em uma festa não segue necessariamente a conduta cotidiana do indivíduo, sendo decodificado e aceito pelos demais participantes naquele momento.

O que destaca a festa é o celebrante, e o que lhe concede durabilidade é a hospitalidade e generosidade pelo celebrante, seja pessoa física ou jurídica. Todas as festividades públicas possibilitam trocas sociais, econômicas e políticas, que posteriormente podem se converter em relações sociais ou comerciais duradouras e contribuem, assim, para o prestígio e o capital social do festeiro. Em celebrações imemoriais, tanto divindades como humanos, cantam, dançam e comem. A preparação da próxima festa inicia quando se encerra a celebração atual e, para alguns celebrantes, a organização e a coordenação de festas pode se transformar em uma profissão (MALLARINO et al., 2004).

Instrumentos para valoração econômica de manifestações culturais

Para promover a mensuração da cultura com rigor estatístico, a UNESCO utiliza a definição da Declaração Universal sobre Diversidade Cultural, considerando o conjunto de características materiais, intelectuais, emocionais e espirituais de uma sociedade que, unido à arte e à literatura, engloba estilos de vida, valores, tradições e crenças (UNESCO, 2001). Portanto, um amplo desafio de mensuração na escala nacional.

A valoração de uma manifestação em particular do patrimônio cultural - para além do ensaísmo - representa igualmente um desafio, dado seu caráter único e imensurável como um bem público, não de mercado. Pesquisadores do CAB (MALLARINO et al., 2004) argumentam que devemos buscar a equivalência razoável em valor monetário, não importando a exatidão aritmética, mas a



OBSERVADR





ordem de grandeza do bem cultural. Há necessidade de conviver com certo grau de subjetividade na valoração.

A valoração econômica de uma celebração, um patrimônio imaterial, pode partir da mensuração dos fluxos econômicos envolvidos, da estimativa do aporte de investimento por parte dos celebrantes e da classificação da percepção dos integrantes para o valor potencial daquele bem. A ciência econômica apresenta diversas ferramentas para estimativa de bens e serviços não comercializados no mercado (MOTTA, 1997; MACHICADO; GOMEZ, 2015), sintetizados a seguir.

Modelos de preferências declaradas: utilizam preço reais do mercado e procuram inferir as preferências individuais mediante aplicação de questionário a amostra de usuários. Utilizam como base de cálculo:

- Método de valoração contingente: pesquisa amostral para identificar, em termos monetários, as preferências individuais em relação à celebração que não tem valor de mercado;
- Método de escolha: apresenta ao respondente cenários alternativos e solicita que escolha a pontuação da sua preferência com base na situação corrente do bem ou serviço cultural.
- Modelos de preferências reveladas: estimam o valor de um bem indiretamente, por meio de uma função da produção hipotética do bem. Assim, para os métodos de mercado de bens substitutos são utilizados para base de cálculo:
- Método de custo de viagem: quantifica os investimentos necessários à preparação e deslocamento para participar de uma celebração;
- Método de preço hedônicos: divide o bem ou serviço cultural nos atributos que o compõem e valoriza cada um deles em consonância com os preços observáveis no mercado e de acordo com as preferências do usuário;
- Método de preços de bens complementares: utiliza técnicas padrão da economia para a aferição dos benefícios econômicos de bens e serviços complementares à manifestação cultural;
- Método de preços substituto: afere o valor de um bem ou serviço pelo custo de ser substituído por recurso semelhante conhecido no mercado.

A pesquisa ora em curso, entre 2019 e 2020, está aplicando conjunto de métodos diretos e indiretos a uma amostra de trinta terreiros do Batuque, em Porto Alegre. Foram aplicados 31 questionários junto a pais-de-santo, bem como 392 fiéis, estimando investimentos realizados bem como custos de manutenção das casas de religião e suas celebrações.

Cuando se trata de valorar económicamente el patrimonio cultural hay dos aspectos principales a tener en cuenta: el impacto de los flujos económicos que causa el consumo del bien o manifestación patrimonial derivado de su uso, y la valoración del no-uso o valoración intrínseca. (MACHICADO; GOMEZ, 2015, p. 39).

O pressuposto da valoração decorre da hipótese de que a sustentabilidade de uma casa de religião, do patrimônio imaterial ali agregado, depende da atribuição de valor pela comunidade que dela usufrui e, portanto, que a sustenta. A celebração religiosa, denominada de “festa” pelos fiéis, mobiliza recursos humanos, materiais e financeiros administrados pelo celebrante, o líder da



OBSERVADR





casa, o pai ou mãe-de-santo. A celebração contribui para o desenvolvimento econômico, social e cultural daquela comunidade, o que se traduz no retorno regular dos fiéis.

Porto Alegre de matriz africana

Registram, Oro (2012) e Tadvald (2016), que o município de Porto Alegre contava 1,5 milhões de habitantes de acordo com o Censo de 2010. No Censo de 1991, o número de moradores auto-declarados como pertencentes à religião de matriz africana foi de 33 mil pessoas, cerca de 2,6% da população da capital. No Censo de 2010, este número subiu para 95 mil praticantes de religiões de matriz africana, o que representa 6,7% da população. O que significa um incremento de 189% em duas décadas, registrando a dinâmica das religiões de matriz africana no município. O censo das casas de religião de matriz africana em Porto Alegre, em 2008, localizou 1.028 terreiros, em média cada templo congrega 73 adeptos.

Oro (2012) aponta quatro fatores para a expansão do número de adeptos. A primeira seria a histórica diversidade religiosa na capital. O segundo fator seria a contradição entre as escolhas individuais da identidade na cidade, fortemente marcada pelo predomínio do Tradicionalismo gaúcho que não é unânime. O terceiro fator seria a menor estigmatização das religiões de raiz africana junto à opinião pública. O quarto fator seria a crescente integração de outros grupos étnicos.

Descrições coletadas sobre a base material do Batuque

Pernambuco (2019a, p. 49) enfatiza, “o mercado é o início obrigatório para o estudo dos cultos afro-brasileiros”. O autor registra que na África rural, a feira ou o mercado da aldeia representavam ponto central de convergência da população em certos dias da semana, e ainda hoje ocupa o imaginário do Batuque.

Invariavelmente localizado no centro do núcleo urbano, a feira era lugar espaço de encontro e troca de mercadorias, informações e ideias. Efetuavam-se transações visando a aquisição de animais destinados ao sacrifício ou de materiais religiosos não fabricados na região. Tais operações ocorriam no sistema do escambo ou pela aquisição em moeda corrente conhecida como búzios.

De acordo com o autor, a pesquisa sobre o mundo afro-brasileiro deve iniciar pelo mercado público. Pernambuco (2019a) ressalta que tanto nos mercados da Bahia, em Pernambuco ou no Ver-o-Peso de Belém do Pará, são encontrados os materiais necessários para as obrigações, qualquer que seja a modalidade do culto. As trocas efetuadas nos mercados, seja em mercadorias, seja em informações, desejos e sentimentos, constituem o movimento da vida dos fiéis, portanto subordinado aos Orixás. Em mercados antigos, existe ao lado da entrada um espaço para tributos a quem é senhor das passagens.

O aspirante à iniciação religiosa recebe uma lista do material necessário e, acompanhado de um iniciado mais antigo, desloca-se ao mercado em busca de produtos que ainda não possuem significado pleno, daí o acompanhamento de um irmão experiente. Após esse primeiro “passeio”, irá voltar rotineiramente aos locais de comércio visando à aquisição de material para “trabalhos” e as cerimônias festivas (PERNAMBUCO, 2019).



OBSERVADR





Com base em mais de duas décadas de observação participante, o antropólogo Corrêa (2005) oferece registro detalhado que no Batuque em Porto Alegre, a culinária de origem africana tem uma característica especial: uma parte dela foi popularizada e adotada também pela sociedade envolvente. Outro segmento é de natureza exclusivamente ritual, sagrada, na medida em que divindades e demais entidades comem, sendo o alimento o principal bem simbólico que os fiéis lhes oferecem. O alimento constitui fator mediador das relações entre o mundo dos homens e o sobrenatural.

O autor continua seu relato, de que o afiliado ao Batuque classifica os alimentos em duas categorias: as comidas “de obrigação” e as comidas “brasileiras”. Brasileiras são as que não se preparam com fins rituais, como é o caso do churrasco. Essa ideia de brasileiro e não-brasileiro apareceria ainda em outras expressões, remetendo para a questão da identidade do grupo. Os fiéis dizem pertencer à religião “africana”; o termo “festa” significa, automaticamente, cerimônia litúrgica, enquanto que uma festividade comum é chamada de “festa brasileira”.

O autor relata a necessidade de confeccionar um grande volume de comidas determina que seja reservado um espaço para as instalações da cozinha, equipada com painéis, fogões de grande porte e grande volume de pratos. Casas de culto possuem duas cozinhas, uma para “a religião” e outra para o dia-a-dia. O autor ressalta ainda, que os fundadores do Batuque não encontraram todo os ingredientes que utilizavam na África para sua prática ritual e aproveitaram os ingredientes na cozinha gaúcha, seguidamente combinando-os de forma diferente, de modo a elaborar uma cozinha ritual própria.

Machado (2015) ressalta que no preparo de uma festa, entre as despesas previstas devem ser incluídos os convites pessoais a pais e mães-de-santo especialmente considerados pela senioridade, para os quais devem ser providenciados o transporte e a acomodação. Se houver pernoite, estes convidados de hora recebem as melhores acomodações. Cadeiras especiais são colocadas no salão, os alimentos são servidos em bandejas separadas com as melhores louças da casa e a bebida é servida em taças.

Para Corrêa (2005), o universo da cozinha do Batuque constitui uma amostra da culinária de cada uma das etnias formadoras da população gaúcha, tal como uma radiografia desta. Por um lado, assinala o caráter regional do Batuque, por outro lado, evidencia a integração de seus devotos no campo cultural rio-grandense.

Conquanto o Batuque seja uma religião de trabalhadores, seu ritual tem significativo custo de manutenção pela necessidade de confeccionar pratos rituais. Os mercados em cidades gaúchas abrigam estandes, com preços diferenciados, destinados especialmente ao culto. Um pai-de-santo tem, assim, de fazer adequada gestão de capital de giro ao longo do ano para poder promover as solenidades rituais de seu templo.

Os respectivos filiados também contribuem, mas sua contribuição é menor. Seria comum que os pais-de-santo ajudem seus 'filhos' de menor renda a darem de comer a seus santos. No dia da festa, todos –mesmo visitas - comem sem pagar, sendo que casas de religião de maior porte po-



OBSERVADR





dem reunir até 400 pessoas em uma única celebração. Como se não bastasse, cada participante leva para casa um pacote no qual encontra porções das principais comidas preparadas.

A transnacionalização do Batuque: uma religião em movimento

A publicação da coletânea *The Diaspora of Brazilian Religions*, organizado por pesquisadora brasileira em universidade da Austrália (ROCHA; VÁSQUEZ, 2013), reforçou o interesse internacional sobre a expansão global de religiões brasileiras. Entre outros, analisa a expansão do culto do Santo Daime na Holanda, a Umbanda no Japão e as cerimônias do Vale do Amanhecer em Atlanta/EUA. O sociólogo argentino Alejandro Frigerio contribui na obra com síntese de suas pesquisas acerca da expansão do Batuque no Uruguai e na Argentina.

Frigerio (2013) contabiliza mais de 2 mil terreiros na Argentina. O autor ressalta que a narrativa cultural dominante na Argentina, em especial em Buenos Aires, não valoriza a mestiçagem, como no Brasil, mas reforça o branqueamento e homogeneidade da população. As religiões afro-gaúchas, introduzidas em Montevideo nos anos 1950, com expansão para a Argentina na década seguinte, possibilitaram a uma parcela da juventude portenha a construir uma identidade alternativa, valorizando raízes africanas e tendo Porto Alegre como seu polo dinâmico para a “reafricanização”.

Las religiones afro-brasileras (Umbanda, Batuque, Quimbanda) se han convertido en una opción atractiva para vastos sectores medio-bajos y -sobre todo- populares en el Gran Buenos Aires. El candombe afro-uruguayo dejó de ser una manifestación cultural de inmigrantes, como fue a fines de la década de 1980, y actualmente forma parte de la cultura juvenil porteña. Los afro-argentinos, invisibilizados durante casi un siglo, han comenzado a reclamar por sus derechos y han logrado incluir una pregunta sobre afro-descendencia en el censo nacional de población 2010. (FRIGERIO; LAMBORGHINI, 2011, p. 22).

Os autores enfatizam as peculiaridades do fenômeno, pois a expansão do Batuque na bacia do Prata não se deu como parte de processo de migração de brasileiros que levaram sua religião, mas como processo de busca por identidade por parte de uruguaios e argentinos que viajavam a Porto Alegre para participar de festas e celebrações em terreiros.

Com o passar do tempo, os adeptos passaram a custear as viagens de pais e mães-de-santo gaúchas a suas cidades para a celebração dos rituais de iniciação e o posterior estabelecimento de casas da religião nas periferias das respectivas capitais. De Montevideo, a comunidade do Batuque se expandiu à Venezuela. Constituiu-se, portanto, em um processo social complexo, de um fluxo cultural que envolve elementos religiosos, materiais e sociais na construção de identidades e novas tradições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito da pesquisa em curso, ao longo de 2020, foram aplicados questionários a líderes religiosos e frequentadores de uma amostra de trinta terreiros no município de Porto Alegre. O objetivo consiste em obter não valores monetários exatos, mas em valorar esta manifestação cultural em seu dinamismo de mobilização de recursos humanos, materiais e financeiros a favor de cele-



OBSERVADR





brações generosas para com os participantes, contribuindo para a construção de identidades conforme importa para Furtado. Criando senso de comunidade, de pertencimento, possibilitando acolhida a grupos frequentemente marginalizados pela violência simbólica registrada por Bourdieu pela sociedade “branca europeia” e “gaúcha” que permeia cotidianamente o discurso cultural dominante a quem não se sente representado neste quadro explicativo.

As ciências sociais têm tradição no estudo do Batuque sob a lente sociológica ou antropológica, manifestando-se em ensaios e descrições etnográficas. No contexto da dinamização do cenário cultural brasileiro pela integração com a obra do Convenio Andrés Bello para valorização da economia da cultura, o Observatório da Cultura/UFRGS trouxe ao Rio Grande do Sul novos olhares e instrumental econômico para analisar e dar visibilidade a manifestações culturais.

Entre as novas ferramentas, destacamos a adaptação de métodos econômicos de valoração de bens imateriais e serviços intangíveis – utilizados para valoração de serviços ambientais no estudo da ecologia - adaptados por pesquisadores coordenados pelo Convenio Andrés Bello para a valoração de manifestações culturais latino-americanas. Essencialmente, os modelos de preferências reveladas e de preferências declaradas mediante obtenção de informações qualificadas junto a 423 praticantes da celebração do Batuque, que serão utilizadas na interpretação dos dados na segunda etapa da pesquisa.

A celebração do Batuque enriquece e diversifica o campo em conflito de construção de identidade e de pertencimento na região metropolitana de Porto Alegre. Esta religião afro-gaúcha tem demonstrado vitalidade ao superar as fronteiras étnicas e incorporar número crescente de praticantes apesar do histórico de perseguição e preconceitos.

REFERÊNCIAS DE LITERATURA

BARBOSA, F. O IPEA e a economia da cultura. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, v. 23, Economia da Cultura, p. 147-159, dez. 2017/mai. 2018.

BORJA, B. Desenvolvimento e política cultural: reflexões de Celso Furtado no caminho do Ministério da Cultura. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, p. 39-56, jul./dez. 2019.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, J. **Respuestas**: por una antropología reflexiva. Tradução Hélène Dion. México: Grijalbo, 1995.

CAETANO, J.; MISSIO, F. Notas sobre o papel da cultura no desenvolvimento em Celso Furtado. **Textos de Economia**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 19-35, 2017.

CONVENIO ANDRÉS BELLO (CAB). **Guia metodológica para la implementación de las cuentas satélite de cultura en Iberoamérica**. Panamá, 2015.

CONVENIO ANDRÉS BELLO (CAB). **Cuentas satélites de cultura en Latinoamérica**: consolidación de un manual metodológico para la implementación. Bogotá, 2008.



OBSERVADR





CORRÊA, N. A cozinha é a base da religião: a culinária ritual no Batuque do Rio Grande do Sul. In: CANESQUI, A.; DIEZ GARCIA, R. (Orgs.) **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005, p. 69-85.

CORRÊA, N. **O Batuque no Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-riograndense**. Porto Alegre: EdUFRGS, 1992.

DA SILVA, F.; ARAÚJO, H. (Coords.) **Indicador de desenvolvimento da economia da cultura**. Brasília: IPEA, 2010.

FRIGERIO, A. A transnacionalização como fluxo religiosos na fronteira e como campo social: Umbanda e Batuque na Argentina. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 14, n. 23, p. 15-57, jan./jun. 2013.

FRIGERIO, A.; LAMBORGHINI, E. Procesos de reafricanización en la sociedad argentina: Umbanda, Cadombe y militancias “afro”. **Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 8, n 16, p. 21-36, jul./dez. 2011.

FURTADO, C. Quem somos? [1984] In: D’AGUIAR, R. F. (Org.) **Ensaio sobre cultura e o Ministério da Cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto; Centro Internacional Celso Furtado, 2012.

FURTADO, C. Discurso de posse. [1986] In: D’AGUIAR, R. F. (Org.) **Ensaio sobre cultura e o Ministério da Cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto; Centro Internacional Celso Furtado, 2012a.

FURTADO, C. **Cultura e desenvolvimento em época de crise**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sistema de Informações e Indicadores Culturais 2007-2018**. Estudos e Pesquisas N. 42. Rio de Janeiro, 2019.

KORNIS, G. A cultura no pensamento (e ação) de Celso Furtado: desenvolvimento; criatividade; tradição e inovação. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 96, p. 165-171, 2012.

MACHADO, C. Lugares e objetos de memória no Batuque gaúcho. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p. 107-120, 2015.

MACHICADO, J.; GOMEZ, D. **Caracterización metodológica para una valoración económica del patrimonio cultural em Colombia**. Informe final. Bogotá: CAB, 2015.

MALLARINO, O.; ZULETA, L.; JARAMILLO, L.; REY, G. **La fiesta, la outra cara del patrimonio: valoración de su impacto econômico, cultural y social**. Bogotá: CAB, 2004.

MIGUEZ, P. Cultura, diversidade cultural e desenvolvimento. In: GUIMARÃES, P. et al. (Orgs.) **Um olhar territorial para o desenvolvimento: Nordeste**. Rio de Janeiro: BNDES, 2014, p. 363-387.



OBSERVADR





MOTTA, R. **Manual para valoração econômica de recursos ambientais**. Rio de Janeiro: IPEA; MMA; PNUD; CNPq, 1997.

OLIVEN, R. São Paulo, o Nordeste e o Rio Grande do Sul. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 397-409, 1993.

ORO, A. O atual campo afro-religioso gaúcho. **Revista Civitas**, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 556-565, set./dez. 2012.

ORO, A. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 345-384, 2002.

PÉREZ, M. (Org.) **Fiesta y nación en Colombia**. Bogotá: Editorial Magisterio, 1998.

PERNAMBUCO, A. As religiões africanas no Rio Grande do Sul (Batuque). **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 19, n. 35, p. 39-47, jan./jul. 2019.

PERNAMBUCO, A. Da importância dos mercados para as religiões afro-brasileiras. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 19, n. 35, p. 49-53, jan./jul. 2019(a).

REY, D. O desafio de visibilizar os efeitos econômicos da cultura: as contas-satélites de cultura. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, v. 23, Economia da Cultura, p. 192-200, dez. 2017/mai. 2018

ROCHA, C.; VÁSQUEZ, M. **The diaspora of Brazilian religions**. Leiden: Brill, 2013.

SILVA, A.; BARROS, L. Cultura e desenvolvimento: um estudo da perspectiva de Celso Furtado. **Revista Multiface**, Belo Horizonte, v. 2, p. 13-20, 2014.

TADVALD, M. Notas históricas e antropológicas sobre a Batuque no Rio Grande do Sul. **Estudos e Pesquisa em Religião**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 46-59, 2016.

THIRY-CHERQUES, H. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-55, jan./fev. 2006.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). **Universal Declaration on Cultural Diversity**. Paris, 2001.

VALIATI, L. Editorial aos leitores. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, v. 23, Economia da Cultura, p. 9-11, dez. 2017/mai. 2018.

VALIATI, L.; FIALHO, A. (Orgs.) **Atlas econômico da cultura brasileira: Metodologia I e II**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2017.



OBSERVADR

